

DA JANELA: UM OLHAR LANÇADO PARA A LEITURA DA TRADIÇÃO

Maria Betânia PEIXOTO MONTEIRO DA ROCHA (UFRN/PPGEL)

O letramento literário deve ser entendido como uma prática que abarca a leitura e a compreensão do texto, apontando para uma relação entre o sujeito e o mundo no qual está inserido. Segundo Mayorca (2013), cabe ao professor mostrar aos seus alunos que é a partir da imagem transfigurada que “o autor constrói um mundo possível, baseado no mundo real interiorizado por ele” (MAYORCA, 2013, p. 13). Nesta perspectiva, o presente artigo visa sistematizar uma oficina com professores do Ensino Médio, tendo como meta a elaboração de um produto pedagógico para subsidiar a leitura do conto *Da Janela* (MELO, 2009), que está inserido numa tradição literária de matrizes regionalistas.

Palavras-chave: letramento, conto, tradição

1. Introdução

Está reservado à escola o papel de fazer a aproximação entre leitores e literatura, sendo muitas vezes esse, o espaço onde se dá o primeiro contato de crianças, jovens e adultos com o texto literário. Embora assuma papel de grande relevância, a escola tem sido percebida como agente de desvirtualização do texto literário. No artigo *Literatura: modos de ler na escola*, Rildo Cosson confirma esta sentença e aponta para o ensino inadequado da literatura no Ensino Fundamental, onde o texto literário “se perde em servir de pretexto para questões gramaticais, como era comum nos livros didáticos, ou para um hedonismo inconsequente, no qual a literatura vale pela leitura, sem nenhuma orientação” (COSSON, 2011, p.1).

Em outras palavras, o texto literário inserido no ambiente escolar, especificamente nas séries que correspondem ao Ensino Fundamental, ora é tratado como pretexto para que sejam trabalhados aspectos gramaticais da língua portuguesa, suprimindo todo o potencial criativo e artístico do texto, ora é tratado como entretenimento.

Cosson (2011, p. 2) explica que não apenas no Ensino Fundamental o ensino da literatura é considerado problemático. No Médio também, isto porque persiste o ensino de história da literatura, focada em períodos ou escolas literárias que se resumem a “uma lista de traços característicos, seguida de outra lista de obras, biografia de autores e fragmentos de textos que ‘comprovam’ os traços identificadores de cada período literário”.

Quais seriam, então, os caminhos para a escolarização da literatura? Cosson (2011, p. 3) partindo de um objetivo maior, que é a formação do leitor, coloca que a leitura literária deve passar por três etapas – que compreendem o processo cognitivo –, quais sejam: a pré-leitura (antecipações, previsões e tudo que antecede e prepara o leitor para contato com o

texto), a leitura efetiva do texto (decifração e a compreensão) e a interpretação (incorporação do lido à vida).

Neste processo cognitivo e social – já que alguns elementos que colaboram para a compreensão do sujeito são extrínsecos a ele – estão envolvidos quatro elementos: o texto (composição física de sentidos registrados em signos), o autor (como produtor do texto), o leitor (que atualiza os sentidos propostos) e o contexto (o espaço onde o texto é atualizado).

As etapas e atores do processo cognitivo e social acabam por construir uma relação dialógica: “uma relação que se estabelece entre autor, leitor, texto e contexto” (COSSON, 2011, p. 3). Este diálogo poderia ser ambientado nas seguintes situações:

Pode ser uma conversa amena como a que se tem com textos que se lê para distração, como acontece quando se aguarda uma consulta médica. Pode ser também uma conversa embaraçosa como aquela que se tem com um formulário, cujo preenchimento sempre tende à indiscrição da idade e outras informações que preferimos esquecer sobre nós mesmos. Pode ser uma conversa autoritária como a que se mantém com os textos instrucionais em geral. Pode, ainda, ser uma conversa enigmática, como aquela que o leitor mantém com textos técnicos fora de sua área de expertise, ou seja, ele consegue decifrar os signos, mas os sentidos do texto tendem a escapar. (COSSON, 2011, p. 3)

Em todos os casos, independente do teor das conversas e de seus objetivos, diz Cosson (p. 4) que “ler enquanto diálogo é sempre uma conversa com a experiência dos outros. Nesse sentido, ler é participar de uma conversa em que o leitor se encontra com o outro e trava relações com ele”.

A leitura enquanto diálogo também é fundamental para a construção do que Juliana Mayorca (2013) chama de uma rede de sentidos. Ela diz que “a leitura, não só a literária, necessita possibilitar ao educando uma rede de sentidos, que somente será efetivada se o texto for lido e compreendido” (2013, p. 1). Ao falar sobre leitura e compreensão, Mayorca defende o letramento em detrimento da alfabetização (sendo a alfabetização apenas uma das formas de letramento).

Tomando o letramento como uma prática que “traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende usá-la” (2013, p. 2), a pessoa letrada não é mais a mesma do ponto de vista social e cultural. A partir do posicionamento exposto, Mayorca (p. 13) entende que a literatura deve ser trabalhada “como produção humana e ficcional, histórica e social do seu tempo”, cabendo ao professor mostrar ao seu aluno que é a partir da imagem transfigurada que “o autor constrói um mundo possível, baseado no mundo real interiorizado por ele” (p. 13). Percebe-se então, a possibilidade e a importância de

analisar em sala de aula o conto *Da Janela*, presente no livro *Tempo de estórias*, do escritor potiguar Bartolomeu Correia de Melo.

2. **Da janela: o que se vê do conto**

O conto *Da Janela* narra o diálogo de duas mulheres, Salete e Dorinha, que postadas na janela da casa do falecido Coronel Cosme Caiana, acompanham o rosário em homenagem a Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade. Enquanto se embelezam, tecem comentários maliciosos sobre os que participam do evento religioso.

Na medida em que a procissão se aproxima do casarão, as personagens são apresentadas por descrições breves: Mazinho (que segura a cruz do divino), Zabé Capela (magrela gasguita), Tininha (uma dos anjinhos), João da Loja (bêbado), Ceição Batata (tem apenas o nome mencionado), Maria Rita de Neco Souza (aparenta estar grávida), Dona Coló (caduca), Paulim Coado (carrega a Santa), Sacristão (acusado de tocar nos sinos e nos meninos), Saletinha (instrumentista que toca o bombardão na banda de música), Seu Agenor (homem maduro acompanhado de menina nova), Irmãs Vasconcelos (bem vestidas, porém falidas), Zazá (casada com um homem que gosta de homem), Biuzin de Creuza (rapaz de beleza admirada pelo marido de Zazá), Gavião (ex-detento), Janilza de Filó (mulher bisbilhotada durante o banho por Gavião) e Padre Afonso (magro e aparentando estar doente).

As falas das personagens são intercaladas pela voz do carro de som, que puxa o rosário, repetindo única frase “Santa Maria de Deus, rogai por nós, pecadores...”. O conto se encerra quando os fieis param diante da janela das mulheres e fazem uma oração para homenagear a família do saudoso Coronel Cosme Caiana. A postura das mulheres diante dos fieis é descrita pelo narrador como sendo semelhante à de uma santa.

Da Janela está inscrito no gênero conto e, tanto pela temática quanto pelo léxico, aproxima-se da literatura regionalista produzida na década de trinta. Os temas que perpassam o conto como religiosidade, hipocrisia e decadência da aristocracia rural apontam para um macro tema que é o conflito entre elementos da tradição e da modernidade. Já os elementos semânticos como: fhum, rhum, vôtes, viche, tibes etc. promovem a aproximação do texto tanto com a oralidade, quanto com a expressão corrente de um povo em uma dada região, como pode ser visto na passagem que se segue:

VEM chegando. Debaixo do foguetório, carro-de-som puxa rosário:
“Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco...”
Rua afora e janelas adentro, choramingo da bandinha e latomia dos fiéis:
“Santa Maria mãe de Deus, rogai por nós, pecadores...” (Melo, 2009, p. 29)

O cenário composto já na entrada do conto, com carro de som puxando o rosário e fiéis entoando a Ave Maria está impregnado de elementos regionalistas: a tradição religiosa, a banda de música – no diminutivo –, o foguetório e também a linguagem.

Quanto ao tempo da narrativa, ele se apresenta de forma linear. O conto se inicia com as duas mulheres se arrumando e, enquanto elas se preparam para receber a homenagem, vão se referindo as personagens que passam pela procissão: “– Chega, mulher! Mazinho já dobrou a esquina, com a cruz do divino. – Peraí, estou indo; não acho meu trancelim. Quede a loção?” (Melo, 2009, p. 29).

As duas personagens principais do conto são Salete e Dorinha e o diálogo travado entre as duas costura a narrativa. As demais personagens são apresentadas de relance, na medida em que são evocadas nas falas das duas mulheres. Estas personagens indicam um conjunto de tipos sociais representativos da situação retratada: bêbado, padre, vaidoso, interesseiro, avarento etc.

As personagens configuram a população de uma cidade pequena, o que pode ser inferido tanto pela relação de proximidade que as personagens demonstram possuir – todas se conhecem – quanto pela valorização da prática religiosa do rosário e da devoção social por representantes de uma aristocracia rural.

Essas personagens, como se espera de um conto, são apresentadas na superfície, não se sabe de onde vieram, que relação estabelecem entre si, que futuro terão. Apesar disso, a fala das duas esconde verdades profundas que dizem respeito ao discurso de dessacralização da igreja e da aristocracia rural.

O narrador conta a história numa perspectiva de observador, não interferindo na composição das personagens. Este narrador não cria juízo de valor sobre o que descreve e não se insere na narrativa. As vozes das personagens estruturadas em diálogos são as responsáveis por dimensionar a realidade ficcional descrita, como pode ser percebido na cena que fecha o conto:

Breque de banda, bem floreado. Daí, esbarra o andor perante o casarão. Rachões na calçada, telhado encardido, paredes descascando, mas janelas adornadas por alvas toalhas de labirinto. Entre papocos, aplausos e pétalas de rosas, brada o carro-de-som (...) (Melo, 2009, p. 34)

Apesar de ser um texto contemporâneo da década de 1990, o conto *Da Janela* fala de um tempo que não é o de hoje e de um espaço já transfigurado, mas nem por isso um tempo e um espaço desarticulado dos problemas sociais do presente. *Da Janela* faz conexão entre o

passado e o presente, sobretudo quando coloca como centro das atenções a religião e a aristocracia rural em estágio de decadência.

É possível notar a atualidade do texto de Melo em relação aos produzidos durante a segunda fase do Modernismo – quando estava em voga o momento mais expressivo do regionalismo – ao observarmos uma realidade histórica já superada. O regionalismo de 30 traz a voz e a paisagem de locais distantes dos centros urbanos e recorre com frequência a situações que denunciam a opressão econômica, social e política, a força da Igreja, o poder da milícia rural patrocinada pelos donos de grandes propriedades, o êxodo provocado pela falta de água e oportunidades.

Em Melo fala-se da aristocracia rural, mas ela está em decadência. Fala-se da Igreja, mas ela já não é sagrada. Embora o conto traga como ação principal o rosário e a procissão, uma prática arraigada à tradição de cidades periféricas (em relação aos centros urbanos), essa ação não é isenta de críticas.

A procissão é apresentada aos moldes das manifestações em praças públicas da Idade Média descritas por Bakhtin (1999). O oficial, o sagrado, o intocável é substituído pelo não oficial, pelo profano, por uma tradição sujeita a revisões. Tanto é assim que o padre, ícone da Igreja Católica, tem o seu poder destituído: ele toca sinos e meninos. Além disso, o padre está no chão, caminhando lado-a-lado com as demais personagens e sujeito assim como as outras, às malícias das duas mulheres que observam tudo pela janela.

As mulheres são herdeiras dos bens materiais e simbólicos de um homem de poder e vivem à sobra de um nome: “Coronel Cosme Caiana”. Nome, aliás, que remete a duas realidades: Caiana, aos canaviais e engenhos; e Coronel, ao poder destinado aos donos de terra. Mesmo sendo reverenciada ao término do rosário, indicando o importante papel ocupado pelas mulheres naquela sociedade, fica evidente que estão em queda.

A casa onde vivem trata-se de “velho sobrado” (Melo, 2009, p. 29), descrito com precisão no encerramento do conto: “Rachões na calçada, telhado encardido, paredes descascando, mas janelas adornadas por alvas toalhas de labirinto” (Melo, 2009, p. 34). A descrição feita da casa e da janela também diz respeito à Salete e à Dorinha, que se esforçam para manter uma boa imagem com vestidos apertados e pó de arroz, mas por dentro têm nódoas e rachaduras.

Assim o conto está impregnado de contradições: o sagrado é profano, o poder é fraco, as mulheres cultuadas não são santas. Trata-se da descontinuidade da força de uma tradição, que se vulnerabiliza – mas se mantém e quer permanecer viva – diante dos apelos da

modernidade. Uma modernidade que chega não com máquinas, com automóveis, com a velocidade, mas uma modernidade capaz de revê antigos assentos.

Por debaixo dos elementos que conduzem a trama – as mulheres da janela e o rosário –, o conto propõe o desvelamento de ideologias caras ainda em nosso tempo e espaço. O desvelamento destas ideologias se dá através do riso e da ironia, um recurso, aliás, da modernidade.

Uma dessas ideologias é a articulada pela Igreja. Uma ideologia que sustenta a sua própria soberania diante das outras estruturas de poder simbólico. O discurso da Igreja é forte e de longo alcance, ao ponto de confundir o que deve ser considerado social e natural. O conto *Da Janela* põe em cheque esse discurso.

A começar pelo padre, que não é sacralizado por suas condutas, ao contrário, é destronado quando recai sobre ele a suspeita de se envolver com mulheres e crianças. O próprio rosário, evento coletivo de devoção às crenças religiosas, é tratado como desfile de tipos sociais sujeitos aos julgamentos das duas mulheres, como pode ser visto no diálogo adiante:

- Cada dia mais magrinho, Padre Afonso...
- Falam naquela doença, tadinho.
- Doença-do-mundo?!
- Não, maldosa, doença-do-peito!
- Vôtes, isso pega?
- E por que pergunta?
- Nadinha, não... (Melo, 2009, p. 33)

As personagens se dirigem ao padre como se estivessem numa posição superior a dele e de longe o vê pequeno, magrinho, frágil. No conto, o padre não representa a supremacia religiosa, ele sofre com a “doença-do-peito”, mas também poderia ser com a “doença-do-mundo”. Para além disso, a única voz concreta de expressão religiosa parte de um carro de som. A mesma frase “Santa Maria mãe de Deus, rogai por nós, pecadores...” é repetida inúmeras vezes com o objetivo – e trata-se de um recurso irônico – de marcar a malícia no discurso das duas mulheres.

É fato que a relação entre a Igreja e os homens de poder (político, religioso, econômico) se mantém. Pois o ponto de chegada da procissão é a janela do casarão do Coronel Cosme Caiana. A reverência é feita, mas não há mais Coronel. Nem o casarão representa mais esta altivez (a calçada está rachada e as paredes com manchas).

Outro discurso ideológico, que pode ser discutido na obra, é o lugar da mulher na sociedade – de ontem e de hoje. A mulher foi sempre o gênero execrado pela Igreja Católica.

Foi sempre o gênero perseguido, isso desde a Idade Média com as inquisições, e aprisionado em um conjunto rígido de preceitos articulados pela religião. À mulher foram dados papéis incontestáveis: o de mãe, o de mantenedora do lar, o de educadora. Mas as mulheres do conto estão num assento muito diferente do que lhes foi entregue e mais, são elas as responsáveis pela desconstrução da imagem ilibada da Igreja Católica.

Ora, se a literatura deve ser trabalhada como produção humana, ficcional, histórica e social do seu tempo, cabendo ao professor mostrar ao seu aluno que é a partir da imagem transfigurada que o autor constrói um mundo possível, baseado no mundo real interiorizado por ele, o conto *Da Janela* se coloca como texto literário adequado a esta proposta.

Apesar de o conto abordar uma realidade circunscrita no espaço rural, distante geograficamente dos centros urbanos, e talvez distante também do tempo presente, os temas imanentes à obra ultrapassam espaço e tempo, uma vez que dizem de relações humanas e contextos sociais que fazem sentido ao leitor.

Pelas peculiaridades da linguagem e dos temas, o conto cobra uma leitura que leva em consideração reflexões acerca da tradição literária – pois é preciso reconhecer suas matrizes regionalistas –, da relação existente entre tradição e modernidade, e, finalmente, do riso.

Nessa perspectiva, propõe-se uma oficina que tem como o objetivo geral subsidiar a prática pedagógica dos professores de literatura do Ensino Médio quanto à leitura dos signos da tradição e da modernidade em textos literários, tomando por base o que dizem Cosson (2011) e Mayorca (2013) sobre a leitura de textos literários em sala de aula. A oficina tem como público-alvo professores do 2º ano do Ensino Médio, que terão em mãos um produto pedagógico – produzido em conjunto –, capaz de respaldar os processos de ensino e aprendizagem focados na tradição, de forma específica, e, de modo geral, na segunda fase do Modernismo, onde se encontra o regionalismo de 30.

3. Proposição de atividades: oficina com professores

3.1. Apresentação da proposta

A Oficina “Leituras da Tradição” é uma proposta pedagógica voltada para os professores de Literatura, que atuam na segunda série do Ensino Médio, com 20h de duração, distribuídas em 4 jornadas de 5h de atividades. A oficina visa elaborar coletivamente – tendo como aporte teórico o conceito de tradição em Candido (1981) e Bornheim (1987) e da

análise do conto *Da Janela* (2009) – um produto pedagógico que possa ser utilizado pelos professores em sala de aula.

A proposta ora apresentada, não desabilita a autonomia dos professores, de outro modo, como sugerem Marly Santos Müschele e José Gonsales Filho (1992), a oficina será capaz de proporcionar o acesso a alternativas didáticas, pedagógicas e instrumentais, permitindo aos professores a análise e a construção das ações pedagógicas dentro de uma filosofia de educação coerente com a liberdade de escolha. Para MüSchele e Filho (1992, p. 8), “participar de oficinas é isto: desafiar, questionar e refletir, na procura de uma solução própria (contextualizada) e não apenas da cópia (reprodução) de soluções preestabelecidas.”

3.2. Objetivo geral

Subsidiar a prática pedagógica dos professores de literatura do Ensino Médio quanto à leitura dos signos da tradição em textos literários.

3.3. Objetivos específicos

- a) Contribuir para a formação do leitor crítico e atuante na sociedade, como também estimular o prazer pelo texto, deixando de lado a função da leitura formativa ou utilitária;
- b) Estimular o interesse pela literatura regional, através da discussão sobre a presença da tradição no conto *Da Janela*;
- c) Criar um acervo de material teórico e experimental onde possam constar instrumentos pedagógicos, protótipos, roteiros de construção, roteiros de aplicação, artigos, livros, revistas etc., que venham subsidiar o trabalho do professor;
- d) Emprestar materiais e/ou ferramentas diversas pertencentes à oficina, para que o professor e seus alunos possam reproduzir e elaborar novos materiais experimentais para a construção do conhecimento relativo aos conteúdos em estudo.

3.4. Procedimento

A oficina funcionará como um espelho do que está sendo proposto para a sala de aula. A metodologia adotada para sensibilizar os professores em relação ao tema, bem como para construir coletivamente um produto final potencialmente capaz de interferir na realidade, será a mesma tanto na oficina quanto na sala de aula. Com o espelhamento estamos querendo

promover uma experiência prévia, para que a partir dela os professores possam definir os pontos fortes e fracos da metodologia, assim como fazer as devidas adaptações.

Assim, adotaremos a proposta de Juliana Mayorca para uma sequência básica de análise literária, que por sua vez leva em consideração a proposta de Cosson. Cosson (In MAYORCA, 2013, p. 11) diz que a análise literária deve ser vista “como um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os mais variados aspectos”.

A sequência básica de análise literária endossada por Mayorca é constituída de quatro etapas, quais sejam: motivação, introdução, leitura e interpretação. Durante a motivação o professor (e também o aluno em sala de aula) será questionado sobre suas experiências com o tema que está sendo proposto. Estes questionamentos não serão intimidadores, de outro modo serão instigantes para que possam facilitar a exposição de ideias. O mais importante desta etapa é que a curiosidade dos professores, participantes da oficina, seja estimulada, bem como a dos alunos em sala de aula.

Durante a motivação podem ser feitas perguntas do tipo: o que é tradição? Quais os elementos da tradição que entramos em contato diariamente? É possível falar de novas tradições? Como o texto literário pode expressar marcas dessa tradição? Podemos falar em tradição brasileira? O nosso estado preserva as tradições? Como podemos preservar a tradição? É importante preservar a tradição? Qual (ou quais) escola (s) literária (s) mais deu (deram) destaque à tradição? Quais as características da obra de Bartolomeu Correia de Melo? Existe uma relação entre suas obras e a tradição?

É importante que as opiniões construídas coletivamente nesta etapa sejam registradas. Ao término da oficina (e do módulo em sala de aula), já com o produto final em mãos – que pode ser a análise de um texto literário, um seminário etc. –, poderá ser avaliada a apropriação da temática em questão, tendo como parâmetro esses registros.

Depois da motivação, inicia-se a etapa da introdução, que é o momento em que acontece a apresentação do autor e da obra. Nesta ocasião será feita uma abordagem panorâmica sobre a obra de Bartolomeu Correia de Melo, já estabelecendo pontes com a tradição, para em seguida, apresentar o conto *Da Janela*.

Ainda durante a introdução, serão trabalhados os conceitos de Antonio Candido (1981) e Bornheim (1987) sobre a tradição. Para a ampliação da compreensão do conceito, bem como para apresentar uma das formas de análise do texto literário, será lido coletivamente o

artigo *O narrador na ficção contística de Bartolomeu Correia de Melo: interstício entre tradição e modernidade*¹, de Maria Betânia Peixoto Monteiro da Rocha e Derivaldo dos Santos.

O artigo faz uma análise da postura do narrador no conto *Ai Jesus!*, também de Bartolomeu Correia de Melo, trazendo para o centro das discussões o conceito de tradição desenvolvido por Bornheim e Antonio Candido. A metodologia escolhida para analisar o conto se aproxima da proposta de análise literária defendida por Cosson e Mayorca. A partir do que é dito em *O narrador na ficção contística de Bartolomeu Correia de Melo: interstício entre tradição e modernidade*, torna-se possível introduzir o sentido dado ao regionalismo, bem como contextualizar o conto em uma tradição literária brasileira.

Concluída a introdução, chega o momento da leitura do conto. Nesta etapa será chamada a atenção do professor para a necessidade de observar o vocabulário, o ritmo de leitura, a linguagem metafórica, a estrutura composicional, etc. Mayorca (p. 12) propõe que no início, o texto literário deva ser lido de maneira conjunta e em seguida encaminhada uma leitura individual, cuja duração precisa ser combinada previamente entre os participantes. A leitura do conto deve ser entrecortada por intervalos, onde serão realizadas as atividades que compreendem a leitura de outros textos menores (em tamanho) que tenham ligação com o texto central, privilegiando os literários. Segundo Mayorca (p. 12), “os intervalos oportunizam momentos de compreensão do processo e de intervenções eficientes na formação do leitor”.

Finalmente, na quarta e última etapa, será feita a interpretação: “que é o momento de entrelaçar os enunciados para realizar inferências e chegar à construção do sentido do texto” Mayorca (p. 13). Aqui será valorizado o diálogo entre o autor, o leitor e a comunidade. Como sugestão, a interpretação pode ser dividida em duas etapas, sendo reservada à primeira, o momento da decifração – palavra por palavra, página por página até a apreensão global da obra. É interessante que nesta fase não haja interferência do professor (monitor). O encontro do aluno com a obra é o “momento em que toda a bagagem cultural do leitor vai interferir positiva ou negativamente na apreensão dos sentidos do texto” Mayorca (p. 13).

No segundo momento da interpretação, acontece, como observa Mayorca (p. 13), a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção dos sentidos. Aqui deverão ser compartilhadas as interpretações e ampliados os sentidos construídos

¹ Artigo publicado nos ANAIS ABRALIC INTERNACIONAL. Campina Grande: Realize Eventos e Editora, 2013. v.1.

individualmente, o que favorece ao “ganho de consciência de coletividade e o fortalecimento e ampliação de horizontes de leitura” (MAYORCA, p. 13).

Quanto a postura do propositor da oficina (e do professor em sala de aula), Mayorca (p. 13) orienta que durante as discussões das atividades é preciso tomar os seguintes cuidados:

(...) é preciso tomar cuidado com suposições preconceituosas, como “existe uma única interpretação possível” ou “toda a interpretação vale a pena”. Inconcebível também aceitar que a opinião de críticos ou estudiosos responda pela interpretação final. Ou, ainda, pensar que o professor deva guardar para si sua interpretação para não influenciar os alunos. Não é por ser individual que a interpretação não pode ser feita em grupos ou pelo conjunto da turma. Serão esses os momentos de ampliação dos sentidos do texto. Durante as atividades de interpretação, o registro será sempre muito importante, é o momento em que o aluno reflete sobre a obra e exterioriza suas impressões de forma explícita, através de registros que darão oportunidade de diálogo entre leitores e comunidade escolar.

Ao término da análise literária, o grupo discutirá sobre a construção de um produto final, que deve ser utilizado em sala de aula. Cada participante, individualmente ou em conjunto, poderá elaborar uma sequência de slides, um planejamento de aulas, propostas de avaliação dentre outros produtos. O trabalho deve ser concluído com uma discussão do grupo, mediada pelo tutor, sobre os pontos fortes e fracos da oficina. A avaliação deve ser registrada.

4. Recursos didáticos

- 4.1. Fotocópias do artigo *O narrador na ficção contística de Bartolomeu Correia de Melo: interstício entre tradição e modernidade*, de Maria Betânia Peixoto Monteiro da Rocha e Derivaldo dos Santos.
- 4.2. CD com apresentação, em slides, do artigo de Rocha e Santos, como sugestão para auxiliar a leitura.
- 4.3. Fotocópias do artigo *Do canto glorioso da província*, de Humberto Hermenegildo de Araújo, publicado no livro *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira* (2010).

5. Conclusões

Se, por um lado, a literatura traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas para o grupo social e para o indivíduo que aprende a usá-la; por outro, a literatura vem sendo tomada como útil ao ensino da gramática e às demais práticas escolares que desconsideram o valor artístico do texto.

Ciente de que a “utilização” da literatura não é consequência apenas da escolha do professor e da escola, mas de um sistema educacional bancário, como definia Paulo Freire, também devemos levar em conta as lacunas existentes na formação dos professores. É nesta medida que as oficinas pedagógicas tornam-se indispensáveis ao processo de formação dos profissionais de sala de aula.

Aos moldes do que propomos para a leitura da tradição, motivada por um conto, outros aspectos literários poderão ser trabalhados seguindo o mesmo percurso. A sequência de leitura estruturada por Rildo Cosson e Juliana Mayorca pode conduzir à boa prática em sala de aula e colaborar com o professor (e com o aluno) no sentido de construir novas formas de ver e estar no mundo.

6. Referências

- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. Do canto glorioso da província. In *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira*. São Paulo: Nankin, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- BORHEIM, Gerd. A. (et. al.). *O conceito de tradição*. In: _____. *Tradição/Contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.
- COSSON, Rildo. Literatura: modos de ler na escola In: *Semana de Letras*, 11., 2011, Porto Alegre. *Anais...* Rio Grande do Sul: Porto Alegre, EDIPUCRS, 2011.
- MAYORCA, Juliana Pessi. Letramento e ensino de literatura. *Revista Trías*, n. 6, janeiro/julho. 2013.
- MELO, Bartolomeu Correia de. *Tempo de estórias*. Recife: Editora Bagaço, 2009.
- MÜTSCHLE, Marly Santos; GONSALES, José Filho. *Oficinas pedagógicas: a arte e a magia do fazer na escola*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

ROCHA, Maria Betânia Peixoto Monteiro. SANTOS, Derivaldo. O narrador na ficção contística de Bartolomeu Correia de Melo: interstício entre tradição e modernidade. *Anais ABRALIC internacional*. Campina Grande: Realize Eventos e Editora, 2013. v.1.